

Artigo

3

Revista Brasileira de Inteligência
17.^a Edição



MAPAS COMO INSTRUMENTOS DE PROPAGANDA

DOI:<https://doi.org/10.58960/rbi.2022.17.213>

Marcelo Wilker Oliveira *

Resumo

O artigo aborda a veiculação de propaganda por meio de mapas, vistos muitas vezes como instrumentos isentos e objetivos. Porém, como concepções humanas e socialmente compartilhadas que são, os mapas embutem distorções técnicas, culturais e ideológicas, assumindo significado especial à Atividade de Inteligência, já que são capazes de integrar arsenal persuasivo que interessa ao Estado. O trabalho apresenta uma revisão bibliográfica na qual se destacam a aproximação da cartografia com o poder e exemplos históricos do uso de mapas como armas intelectuais, detalhando alguns elementos gráficos utilizados para a persuasão. Desta forma, conecta pontos de revisão bibliográfica muitas vezes esparsos em diferentes campos de conhecimento, contribuindo para ampliar a pouca literatura existente sobre o assunto na língua portuguesa.

Palavras-chave: mapas; propaganda; Estado; cartografia.

MAPS AS PROPAGANDA INSTRUMENTS

Abstract

The article approaches the propagation of propaganda through maps, often seen as impartial and objective instruments. However, as human and socially shared conceptions that they are, maps embed technical, cultural and ideological distortions, assuming a special meaning for the Intelligence Activity, since they are capable of integrating a persuasive arsenal that interests the State. The work presents a bibliographic review in which the approximation of cartography with power and historical examples of the use of maps as intellectual weapons are highlighted, detailing some graphic elements used for persuasion. In this way, it connects bibliographic review points that are often sparse in different fields of knowledge, contributing to expand the little existing literature on the subject in Portuguese.

Keywords: maps; propaganda; State; cartography

* Graduação, especialização e mestrado em Psicologia.

LOS MAPAS COMO HERRAMIENTAS DE PROPAGANDA

Resumen

El artículo aborda la propagación de propaganda a través de mapas, a menudo vistos como instrumentos imparciales y objetivos. Sin embargo, como concepciones humanas y socialmente compartidas que son, los mapas encierran distorsiones técnicas, culturales e ideológicas, asumiendo un significado especial para la Actividad de Inteligencia, ya que son capaces de integrar un arsenal persuasivo que interesa al Estado. El trabajo presenta una revisión bibliográfica en la que se destaca la aproximación de la cartografía con el poder y ejemplos históricos del uso de los mapas como armas intelectuales, detallando algunos elementos gráficos utilizados para la persuasión. De esta manera, conecta puntos de revisión bibliográfica que a menudo son escasos en diferentes campos del conocimiento, contribuyendo a ampliar la poca literatura existente sobre el tema en portugués.

Palabras clave: mapas; propaganda; Estado; cartografía.



Introdução

Em seu desafio de interpretar fenômenos que transcorrem no espaço geográfico, a Atividade de Inteligência, frequentemente, lida com mapas (LIMA, 2019). Entendidos como representações codificadas de um espaço real (ALMEIDA e PASSINI, 2005), são habitualmente associados à sua materialidade, evidente tanto nos mapas-múndi impressos nos livros escolares, quanto em bastões de madeira cujos entalhes auxiliam esquimós a navegar com segurança em meio à espessa neblina (FRANCO, 2019). Contudo, mais que meros objetos, mapas são concepções derivadas da mente humana (DOWNS, 1981; OLIVEIRA, 2010).

Ao longo da história, eles vêm atendendo necessidades de várias escalas, desde as mais básicas – capazes de garantir a sobrevivência de nossos antepassados – até aquelas mais sofisticadas, por exemplo, ajudar a conferir traços identitários a um povo por meio de sua pertinência geográfica. Rhodes (2019) recorda que Chipre e Kosovo apresentam os mapas de seus territórios em suas bandeiras, realçando, não por acaso, o desejo de uma unidade que venha a se sobrepor a conflitos étnicos presentes na história destes países.

Além disso, eles também favorecem a existência de uma base cognitiva de representação comum capaz de fazer com que um grupo de pessoas partilhe do mesmo referencial vinculado ao espaço geográfico. É por esse motivo que, apesar de diferentes formas de apresentação,

mapas contêm fundamentos semelhantes, como a existência de alguma ordenação hierárquica de informações espaciais ou a existência de elementos de associação convencionados. Seja, por exemplo, o uso da cor azul para os oceanos em um atlas ou ranhuras profundas na madeira que retratem baías na costa do Alasca, as representações devem ser entendidas coletivamente, para assegurarem sua utilidade. Isto implica dizer que mapas são também construções sociais, plenas de juízo de valor (HARLEY, 2009). Como tudo isso se relaciona com a Atividade de Inteligência?

Analisados como produtos mentais, os mapas cartográficos – a que estamos expostos nos mais variados contextos – perdem o atributo de naturalidade e exatidão inequívoca que estão geralmente implícitos em suas leituras. Como já assinalava Downs (1981), a ingenuidade cartográfica está em tratar os mapas como o mundo real e não como uma analogia desse. Ele assevera ainda que “os mapas geopolíticos e de propaganda dependem da fé que permeia o realismo cartográfico ingênuo” (1981, p. 290)¹.

A propaganda pode ser entendida como um recorte deliberadamente enviesado da realidade para enfatizar informações pré-definidas, apresentando fatos seletivamente para encorajar determinadas conclusões, ou usando mensagens exageradas para produzir uma resposta emocional. O resultado desejado geralmente é induzir a mudança de atitude e de comportamento em uma audiência

1 Tradução Livre.

específica (NEMR e GANGWARE, 2019; CORDEY, 2019). Ao se utilizar de elementos visuais como os mapas, ela é capaz de disseminar visões específicas sobre determinados locais, reforçar identidades regionais e nacionais (KITCHIN, DODGE e PERKINS, 2011) ou modelar predisposições a partir de ênfases, supressões ou símbolos cartográficos (MONMONIER, 1991).

Como contraponto à propaganda, Downs (1981) argumenta pela assimilação de mapas que comporte a necessidade de interpretação, abrindo espaço para o escrúpulo crítico que deveria permear toda leitura cartográfica, dados os limites técnicos, culturais e/ou ideológicos envolvidos na produção de representações deste tipo (OLIVEIRA, 2010).

Em se tratando de ambientes de grande abrangência, como um país, um continente ou o próprio mundo, a falta de acesso direto ao (mega) ambiente em primeira mão intensifica a premência do exercício crítico, inclusive como proteção aos efeitos propagandísticos. Assim, identificar o desnível existente entre os supostos decalques da realidade e os mapas que de fato produzimos/consumimos é lançá-los necessariamente à arena da Inteligência, como veículos de amplos acervos de mensagens, tanto ostensivas quanto subliminares, e que, como tal, atingem as pessoas, influenciando suas leituras de mundo.

A apresentação de um mapa poderia ser ferramenta útil para moldar ou interferir nas atitudes de pessoas relacionada a

países. Em texto icônico da Psicologia Social, Allport (1935) propõe que *“uma atitude é um estado neural e mental de prontidão, organizado através da experiência, exercendo uma influência dinâmica ou diretiva sobre a resposta do indivíduo a todos os objetos e situações com que está relacionado”* (Allport, 1935, p. 6).² Em um mundo tomado por imagens, um mapa pode ser utilizado como instrumento insidioso, potencialmente capaz de induzir inclinações específicas em relação a um ou mais elementos por ele representado(s). Esta característica potencial assume relevância singular para a Atividade de Inteligência, dado o seu escopo de trabalho que envolve, tradicionalmente, interesses concorrentes de países e de outros atores sociais, relevantes ao Estado.

A primeira parte deste artigo trata da relação intrínseca entre a cartografia e o poder, sob a perspectiva de que mapas e tomadores de decisão exercem entre si influências recíprocas, que trazem consequências ao mundo concreto. Também aborda as relações entre as representações cartográficas dos países e as internalizações destas feitas pelas pessoas, apoiadas que são em aspectos seletivos.

Na segunda porção do texto, a vinculação entre mapas e propaganda é discutida a partir da utilização de significantes visuais, textuais e de demarcação de espaço, em diferentes contextos históricos. Nessa vertente, há exemplos que incluem os produtos decorrentes do florescimento da geopolítica, campo prolífico para

2 Tradução Livre.

disseminação da persuasão gráfica.

Cartografia e Poder

Mapas são instrumentos visuais com funções práticas de traduzir graficamente o conhecimento, o domínio e o controle sobre um território. Dessa forma, a cartografia é intrinsecamente ligada ao exercício do poder. Harley (2009), expoente da cartografia crítica, que se estrutura após a Segunda Guerra Mundial, assinala que:

A cartografia também pode ser uma forma de conhecimento e uma forma de poder. Assim como o historiador pinta a paisagem do passado com as cores do presente, o geômetra, conscientemente ou não, não reproduz somente o entorno em sentido abstrato, mas também os imperativos territoriais de um sistema político. Seja o mapa produzido sob a bandeira da ciência cartográfica, como foram a maior parte dos mapas oficiais, ou seja, um exercício de propaganda declarada, é inevitável que esteja envolvido no processo do poder (HARLEY, 2009, p. 3).

O reconhecimento do liame entre a autoridade política e a cartografia talvez ajude a entender o epíteto destinado a esta, de “ciência dos príncipes”. Sua prática remonta, a propósito, ao próprio processo de confecção de mapas, historicamente restrito a poucas pessoas (CARVALHO, 1998; HARLEY, 2009). O caráter elitista desta produção – mesmo antes da consolidação do Estado-Nação, no século XVII – manifesta-se, ao longo da história, em patrocinadores tão diversos como a elite religiosa no Egito dinástico e na Europa cristã medieval, a elite intelectual na Grécia Antiga ou mesmo, no mundo

islâmico, com os califas custeando a produção da requintada cartografia árabe do século X (HAKIM, 1991; HARLEY, 2009).

Em uma curiosa variação moderna dos efeitos da posse seletiva dos recursos de informação cartográfica, Rhodes (2019) assinala que o relatório anual de 2018 remetido ao Congresso dos Estados Unidos da América (EUA) pelo Departamento de Defesa, tendo como foco a China, continha 14 mapas fundamentalmente compilados pela comunidade de Inteligência estadunidense. O autor, contudo, aponta o descompasso potencial trazido pelo sigilo e pela compartimentação em contraste com a velocidade de atualizações geográficas decorrentes da circulação de informações presentes em *softwares* abertos e abastecidas continuamente por voluntários. Vista sob tal ângulo, a restrição, nesse caso, implicaria não uma vantagem, mas no risco da desatualização.

A proximidade histórica da cartografia com o poder acaba, intrinsicamente, refletida nas próprias escolhas efetuadas e priorizadas pelos tomadores de decisão neste campo. A ameaça de ataque nuclear trazida na segunda metade da década de 1940 levou os EUA a aperfeiçoarem as projeções equidistantes centradas no Polo Norte em busca de maior precisão, gerando a perspectiva conhecida por *air-age globalism*, que caracterizaria os primeiros anos da Guerra Fria (RHODES, 2019). Este ponto de vista conferia papel de destaque ao Ártico, dada a sua localização intermediária entre áreas estratégicas dos EUA e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Fotiadis (2009), por outro lado, sustenta que tomadores de decisões podem sustentar posições políticas de alto impacto – tal como a divisão da Bósnia, nos anos 1990 – a partir de um simplismo cartográfico que sustenta incompreensões de questões complexas e que, mesmo assim, não deixam de produzir seus efeitos, algumas vezes dramáticos. Como lembra o autor, a questão não é somente como os tomadores de decisão usam os mapas, mas também de como o inverso acontece, ou seja, de como os mapas apresentados aos decisores influenciam as suas análises a ponto de afetar as suas resoluções.

Nesse sentido, Cintra (2009) empreendeu análise calcada na cartografia matemática para estudar o Mapa das Cortes, destinado a dirimir controvérsias coloniais entre Espanha e Portugal. O pesquisador demonstra que o documento acabou por favorecer a Coroa portuguesa, por meio da inclusão hábil de distorções indubitavelmente propositais no mapa. Sob a direção do brasileiro Alexandre de Gusmão, a carta geográfica, que acabou por subsidiar o Tratado de Madri (1750), restringiu áreas ocupadas por Portugal no território da colônia brasileira, com vistas a que esse país obtivesse maiores vantagens na negociação, ludibriando o seu vizinho ibérico.

As imagens cartográficas e os mapas que permeiam a mídia possuem grande efeito no entendimento político do mundo. Fotiadis (2009) sustenta que somente tendo a consciência das narrativas políticas particulares que os mapas carregam em si os tomadores de decisão podem reagir de

uma forma mais racional do que instintiva frente ao estímulo cartográfico, ainda que para isto necessitem de um receituário. Com a geopolítica modelando a maneira pela qual líderes nacionais enxergam o mundo e como deliberam a respeito de assuntos de segurança nacional, se eles não estiverem interessados em geopolítica, a geopolítica, ainda assim, estará interessada neles (RHODES, 2019).

Não são somente os líderes que são influenciados pela forma como mapas são expostos, por exemplo, na mídia. Em um estudo seminal no qual estudantes secundários do Canadá, dos EUA, da Finlândia e de Serra Leoa foram instados a desenhar o mapa do mundo, Saarinen (1973) identificou alguns fatores que ajudavam na composição das representações mentais do mundo pelos alunos. Alguns destes aspectos foram a proximidade entre os países desenhados e aqueles em que se encontravam os participantes da pesquisa, os formatos peculiares de alguns países (Chile e Itália, por exemplo) e a extensão dos seus territórios.

Porém, o estudo também evidenciou que países como Egito, Israel e Vietnã alcançavam maior representatividade de inclusão nos desenhos do que países equivalentes a eles em área. À época da pesquisa, hostilidades e conflitos localizados, como a Guerra do Yom Kippur (1973) e aquele que se desenrolava no Sudeste Asiático, acarretavam exposição frequente desses atores na mídia, agitando significativamente a política internacional. É provável que, por sua vez, ajudassem estes mesmos países a adquirir relevância

entre os estudantes no bloco das nações que apareciam sem seus mapas, realçando a importância da difusão de eventos correntes na modelação mental do mundo pelas pessoas.

Na esteira de Saarinen, outras pesquisas assinalaram que variáveis como poderio geopolítico e militar, tamanho do país e importância econômica (PINHEIRO, 1998), além de uma variável que reunia participações, conquistas e locais-sede da Copa do Mundo de futebol masculino (OLIVEIRA, 2003) correlacionavam-se com a inclusão dos países em mapas do mundo que as pessoas eram solicitadas a desenhar. Em outras palavras, estes estudos mostravam que existiam fatores alinhados à relevância que países alcançavam no contexto cognitivo das pessoas, em contraste à ignorância destinada a dezenas de outros presentes no globo.

Mapas e propaganda: a geopolítica e os elementos gráficos de persuasão

A produção sino-estadunidense *Abominável* (Culton, 2019), quando lançada, suscitou protestos, recomendações de cortes e/ou suspensão de exposições da animação no Brunei, Filipinas, Malásia e Vietnã (DEUTSCHE WELLE, 2020). Público e autoridades destes países reagiram com indignação a uma das cenas da película que mostrava um mapa do Sudeste Asiático incluindo a chamada “linha das nove raias”. Por intermédio desse recurso, defendido pela China como consonante

com seus direitos históricos, porções do Mar Meridional são vinculadas, no mapa, ao território sínico. Em 2016, esta interpretação já havia sido rechaçada pelo Tribunal de Arbitragem de Haia. Muito embora não se possa afirmar taxativamente que houve, no filme, a utilização patrocinada desse artifício como apoio sub-reptício ao ponto de vista político chinês, a postura refratária daqueles países asiáticos demonstra o reconhecimento de que mapas comportam em si enredos ocultos capazes de reforçar ideias de legitimação territorial.

O empenho oficial baseado nesse propósito fica evidente no caso das Ilhas Falklands estampadas em selos postais argentinos como Ilhas Malvinas (MONMONIER, 1991), ou mesmo no protesto do chanceler brasileiro Oswaldo Aranha dirigido à Inglaterra por qualificar a Ilha de Trindade como parte de território inglês em seus mapas, às vésperas da Segunda Guerra Mundial (CADERNO DE ATAS, 1939). O chanceler parecia particularmente atento aos possíveis efeitos práticos da realidade recriada e, sobretudo, atestada pelos mapas. Como assinalaria Monmonier, anos mais tarde, “Não apenas o seu novo Estado está no papel, ele está no mapa, portanto deve ser real” (p. 88, 1991).³

Embora tenha sementes no final do século XIX, a geopolítica floresceu com vigor no século XX, entre as duas guerras mundiais, solidificando-se como uma nova vertente da cartografia. Seus teóricos precursores tinham origem na geografia (como

3 Tradução livre.

Friedrich Ratzel ou Halford Mackinder) ou no meio militar (como Alfred Mahan ou Karl Haushofer), sintetizando, nesse nascedouro, a sua abordagem clássica da tensão firmada entre ambiente e poder. Apresentando escopo político e abordagem fortemente ideológica, a geopolítica tornou-se instrumento poderoso para a propaganda, inclusive de regimes totalitários, ainda que não seja, a rigor, criação destes.

Boria (2008) realça que a expansão do público leitor nos países ocidentais e a ampliação dos processos de impressão de rotogravuras possibilitou a inserção de mapas nas revistas e outras publicações populares a partir do início do século XX. A busca da precisão geográfica, assim, dividia lugar com a necessidade da comunicação, inclusive com objetivo de persuasão.

A produção geopolítica dispensava o compromisso com a exatidão geográfica e a instrumentalidade neutra, apresentando – já nos anos 1920 – mapas mais que meramente descritivos. Eles exibiam concessões à exclusividade da análise espacial ortodoxa, como os formatos de países estilizados geometricamente; o uso de recursos como setas, reforçando movimentações de tropa ou enfatizando ataques militares; limitações circulares ou elípticas demarcando zonas de influência de potências regionais; linhas interrompidas sugerindo vulnerabilidades convidativas a invasões ou nomes e mesmo uso de alfabetos específicos para marcar influência toponímica (BORIA, 2008; LEUENBERGER e SCHNELL, 2010,

MONMONIER, 1991).

Os mapas com teor geopolítico apresentavam uma dimensão dinâmica e tornavam difícil a distinção entre estes e a propaganda intencional, que se valia justamente desta ambiguidade. A respeito dos regimes nazifascistas, Boria (2008, p. 298) recorda que “[...] nestas sociedades, desenhar mapas – assim como escrever livros, planejar cidades ou servir ao Estado – inevitável e inconscientemente tornam-se uma missão política. Cada qual é um soldado, incluindo cartógrafos.”⁴

Mapas voltados ao grande público ajudavam os nazistas a justificar o expansionismo teutônico, com retoques nas cartas da Europa pré-histórica assegurando a presença dos germanos na Grécia do Período Neolítico ou na Escandinávia da Idade do Bronze (DELANO-SMITH, 1991). Também apoiavam esforços para manter os EUA fora da Segunda Guerra Mundial, com definição de supostas áreas de influência (Figura 1). *Facts in Review*, revista semanal de informações publicada em Nova Iorque/EUA entre 1939 e 1941 pela *German Library of Information*, fazia o uso de mapas como arma intelectual persistente, buscando aumentar o apreço do público estadunidense pela Alemanha, bem como intensificar o decréscimo de apoio dos leitores dado aos britânicos e franceses (MONMONIER, 1991).

Significantes de várias naturezas (visual, textual e de demarcação de espaços, por exemplo) funcionam como ferramentas que se prestam a diversos fins, entre os

4 Tradução Livre.

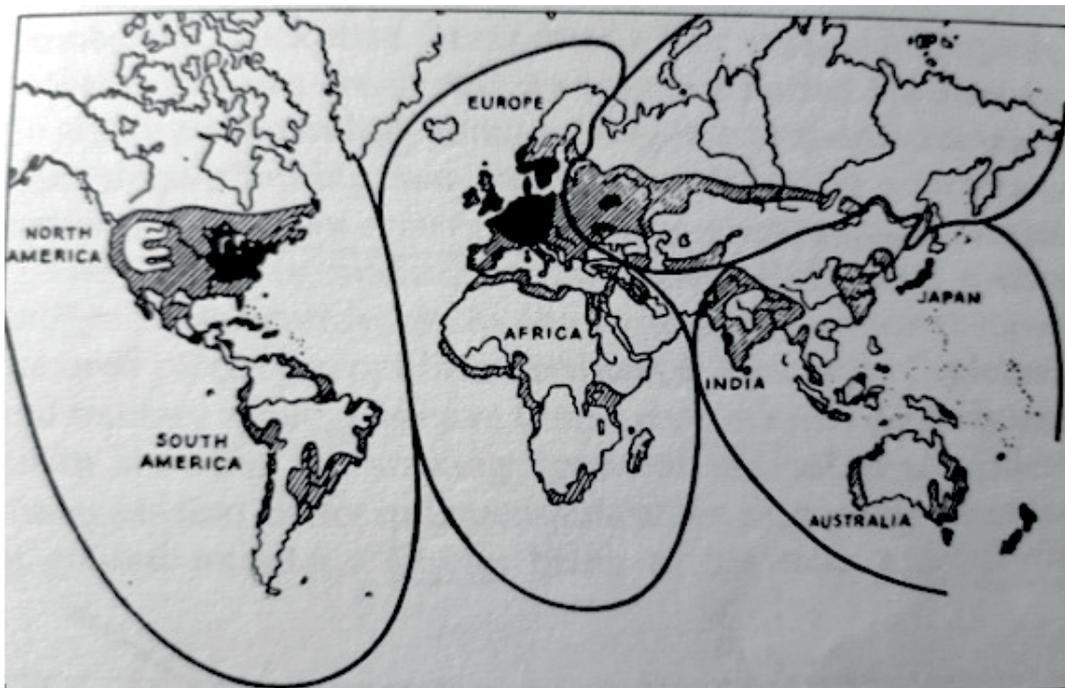
quais o de invocar autoridade, apelar a audiências particulares e construir afirmações políticas (LEUENBERGER e SCHNELL, 2010). O uso de elementos pictóricos como “armas de assalto” (MONMONIER, 1991, p. 107) contribuem para efetuarem sedutoras simplificações de realidade, que venham ao encontro do que os propagandistas – estatais ou não – pretendem veicular.

Um bom propagandista sabe como modelar opiniões manipulando mapas. A persuasão política geralmente envolve reivindicações territoriais, nacionalidades, orgulho nacional, fronteiras, posições estratégicas,

conquistas, ataques, movimentos de tropas, defesas, esferas de influência, desigualdade regional, e outros fenômenos geográficos convenientemente retratados de forma cartográfica. O propagandista molda a mensagem dos mapas enfatizando aspectos de apoio, suprimindo informação contraditórias e escolhendo símbolos provocativos, dramáticos. Pessoas confiam nos mapas, e, de modo intrigante, os mapas atraem o olho da mesma forma em que expressam autoridade. Cidadãos ingênuos aceitam, de boa vontade, como verdade, mapas baseados em seleções dos fatos enviesadas e por vezes fraudulentas. (MONMONIER, 1991, p. 87).⁵

5 Tradução livre.

FIGURA 1 - RECURSO GRÁFICO PARA AFASTAR OS EUA DAS QUESTÕES EUROPEIAS

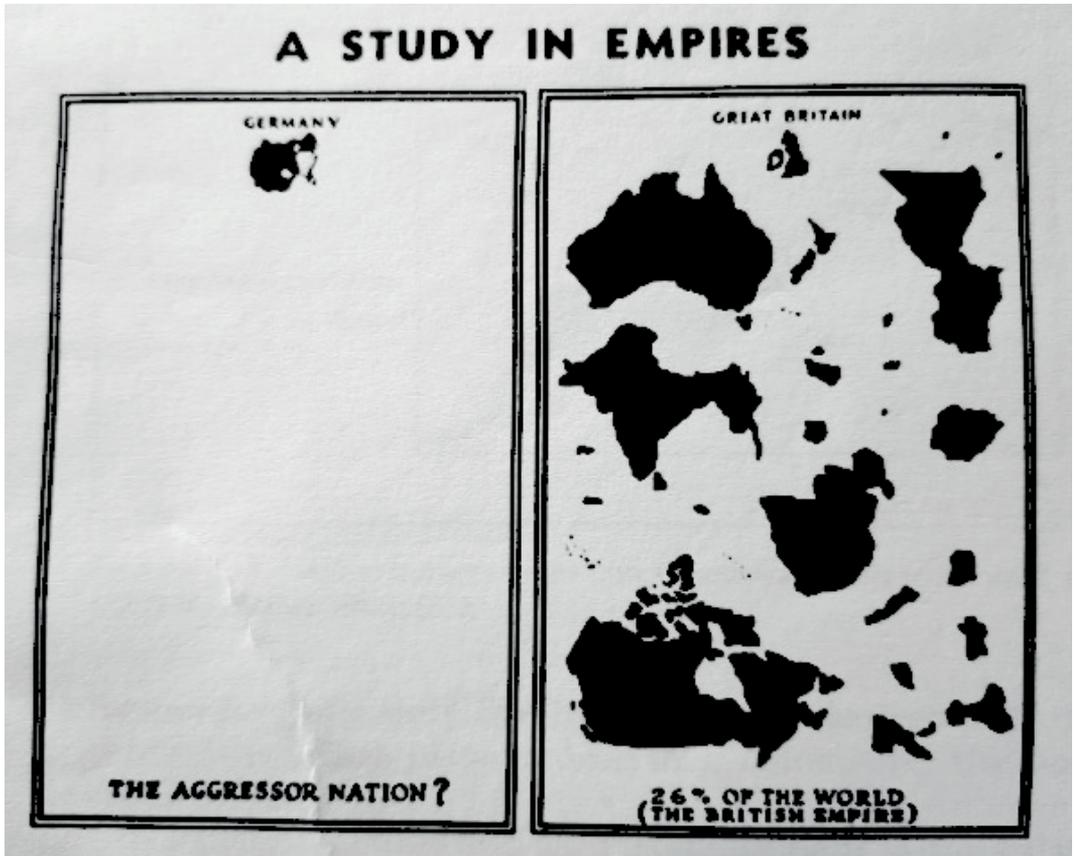


Fonte: Facts in Review, n.3, 1941, apud MONMONIER, 1991, p. 107.

A própria escolha de determinado tipo de projeção cartográfica pode enfatizar o tamanho de um país ou região no intuito de aumentar sua importância;

a diminuição comparativa, por sua vez, tende a mostrá-lo ameaçado, tal como a Alemanha nazista frente ao Império Britânico (Figura 2):

FIGURA 2 – REFORÇO À MENSAGEM DE AMEAÇA

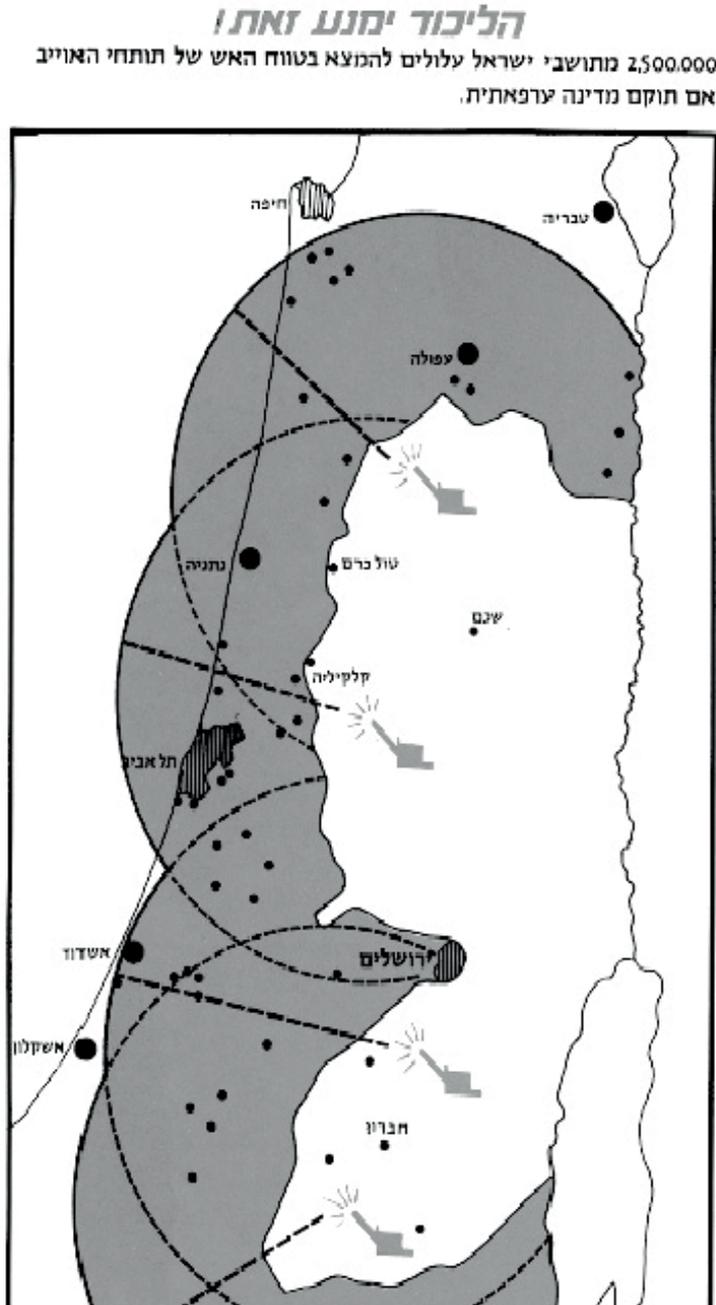


Fonte: *Facts in Review*, 1940, n.5, apud MONMONIER, 1991, p. 102.

Ademais, formas geográficas perfeitas, como o círculo, perpassam a ideia de acurácia, tal como empregado pelo partido israelense Likud em campanhas políticas no início dos anos 1980. Contrapondo-se às iniciativas de paz que propunham a retirada do país de territórios incorporados, após guerras contra os árabes, um mapa utilizava círculos e raios de alcance de tanques desenhados

na região da Cisjordânia de modo a intensificar a ameaça sobre as principais cidades israelenses (Figura 3).

FIGURA 3 – REFORÇO À IDEIA DE ACURÁCIA NA AVALIAÇÃO DE PERIGO



Fonte: Pôster de campanha do Likud apud LEUENBERGER e SCHNELL, 2010, p. 824.

Já setas em formatos e posições diversas revelam um apelo pictórico capaz de enfatizar a concentração de tropas ou dramatizar um avanço inimigo cruzando as fronteiras. Foram utilizadas, por exemplo, por jornais estadunidenses para retratar variantes dos movimentos de tropas na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coreia, tais como unidades ameaçadas, invasões repelidas, invasões bem-sucedidas e inimigos cercados (MONMONIER, 1991).

Outro elemento importante para

promover ou reforçar sentimentos entre os alvos da cartografia persuasiva é o uso das cores. Elas tanto podem conferir uma ideia artificial de harmonia, como no caso de alguns mapas antigos que retratavam o Império Britânico como um todo orgânico (LEMANN, 2001), quanto unificar artificialmente vizinhos em sua vilania, como no caso do branco Israel cercado por nações árabes – diversas entre si – pintadas de um negro uniforme (MONMONIER, 1991; LEUENBERGER e SCHNELL, 2010) (Figura 5).

FIGURA 5 – USO DAS CORES NO REFORÇO DA MENSAGEM DE AMEAÇA



Fonte: *Jewish National Fund of Canada* apud MONMONIER, 1991, p. 95.

O irmanamento árabe reducionista e conveniente propiciado pela cor neste exemplo, porém, não encontra correspondência em mapas do mundo reproduzidos por agências oficiais de notícias árabes, em análise empreendida por La Parra, Penalva e Mateo (2010). Esses mapas, de modo geral, assinalavam assimetrias, destacando potências regionais como Arábia Saudita e Egito, ao mesmo tempo em que conferia invisibilidade virtual a outros países árabes do Norte da África. A controvérsia longeva sobre as fronteiras no Oriente Médio, a propósito, encontra grupos sociais e políticos usando mapas para solidificar as suas reivindicações sobre territórios, de tal forma que o uso da geografia (e da cartografia) na região é qualificada como um laboratório de estudos para as Ciências Sociais (LEUENBERGER e SCHNELL, 2010).

As contendas cartográficas nesta região ilustram a afirmação de Monmonier na qual “em lugar algum o mapa é mais que um símbolo nacional e uma arma intelectual do que em disputas territoriais” (1991, p. 90). Esse autor destaca a dificuldade de editores de exportarem os mesmos livros didáticos de geografia para Índia e Paquistão, sobretudo pela reivindicação de ambos sobre a região, incluindo a Kashmira. A despeito de tanto essa região quanto a de Jammu serem assinaladas em alguns mapas paquistaneses como “território disputado” ou “fronteira indefinida”, muitos indianos só recebem esta informação em material produzido no exterior, já que as publicações que contrariem versões de mapas oficiais

podem resultar em processo criminal no seu país (DEUTSCHE WELLE, 2020; ELLIS-PETERSEN, 2021). Incorporar tais regiões, sem ressalvas, ao território da Índia parece ser um passo importante na consolidação da ideia de posse natural no arranjo mental de um usuário desse tipo de mapa.

Diferenciação de critérios no uso de símbolos também auxiliam a induzir o consumidor de mapas a adotar critérios desiguais para a internalização do evento narrado. Em seu levantamento sobre a utilização de mapas gráficos em jornais britânicos ilustrando temas geopolíticos e de segurança, Vujakovic (2002) encontrou caveiras e ossos cruzados simbolizando com dramaticidade mortes promovidas por ataques sérvios, em contraste a simples cruces amarelas que denotavam erros graves de ações militares de tropas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), capazes de provocar baixas entre os civis. Na mesma pesquisa, o mapa de Kosovo reproduzido em matéria do *The Independent*, cercado por artefatos tecnológicos de guerra, como *drones* e forças especiais dotadas de computadores pessoais, subsidiavam a ideia de cientificidade apoiando iniciativas da Otan.

A importância estratégica que a posse da informação advinda dos mapas adquire contempla, inclusive, omissões convenientes aos seus produtores. Neste sentido, Monmonier (1991) defende que após o *Narodny Komissariat Vnutrennikh Del* (NKVD)⁶ assumir o controle da fabricação de mapas na URSS do final dos anos 1930, as distorções na localização

6 Ministério do interior da URSS criado em 1934. Entre outras funções, controlava o serviço de Inteligência do país

de estradas, rios e vilas atingiam não só os estrangeiros como o público interno. Sudakov (1991) aponta que, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, mapas soviéticos omitiam nomes de ruas e avenidas devido ao clima generalizado de desconfiança. O artifício era útil à contraespionagem, já que cartas geográficas, caso fossem mais exatas, seriam consideradas material de risco.

Em meados dos anos 1960, nos mapas soviéticos, foram aceleradas medidas para confundir inimigos capazes de lançar mísseis contra o imenso território do país (MONMONIER, 1991). Silêncios cartográficos na localização de plantas nucleares britânicas ou em áreas estadunidenses consideradas sensíveis após o 11 de setembro de 2001 (FOTIADIS, 2009) também poderiam ser colocados nesta conta de natureza geopolítica.

Não se pode perder de vista que os diversos artifícios utilizados em mapas que se destinem à propaganda buscam, em última medida, atingir as audiências específicas que os consomem. Assim, quanto mais as intenções do produtor e os efeitos provocados sobre o consumidor do mapa forem congruentes, mais bem-sucedidas serão tais campanhas. Não há, por exemplo, como avaliar a efetividade de um mapa desenhado por um Estado ou uma organização adversa com o propósito de enfraquecer a posição de um país no cenário internacional – a partir do enfoque de ocorrência de ilícitos ambientais em seu território, por exemplo – sem, efetivamente, sabermos quais foram as reações do receptor a esta mensagem. As pessoas, na condição de audiência-alvo,

são parte essencial desta questão.

Nessa linha de raciocínio, os efeitos propagandísticos que envolvem a cartografia se dirigem a um público muitas vezes carente do pendor crítico, de metodologia e do tempo disponível para a análise dos mapas. Essas condições e os contextos em que eles podem ser apresentados - como um aparente detalhe de um filme ou uma ilustração de telejornal - bem se prestam ao sucesso de eventual propaganda, o que só os credenciam para serem também estudados pela Inteligência.

Considerações Finais

A importância dos mapas para a Atividade de Inteligência vai muito além de considerá-los meros recursos ilustrativos, prontos tão somente a servir de anexos para um documento da área (LIMA, 2019). Este trabalho se propôs a evidenciar o papel ativo que produtos cartográficos – criações humanas socialmente construídas e compartilhadas – podem alcançar quando utilizados com a intenção de propaganda, permitindo a um país ou ator social a obtenção de vantagens, por exemplo, pelo uso do engano, de meias-verdades e de omissões intencionais (ASCH, 1952). A partir de artifícios sutis, elencados no decorrer deste artigo, muitas vezes as mensagens veiculadas pelos mapas se tornam subliminares, com o condão de provocar efeitos em seus consumidores.

Campos de aproximação com o tema, como erros de análise advindos da leitura de mapas, soam naturais como aprofundamentos de investigação

acadêmica e profissional. Nesse sentido, a literatura que correlaciona vieses cognitivos à Inteligência geoespacial e a visualizações (ELLIS, 2018) ou mesmo a tomada de decisões baseadas em visualizações (PADILLA *et al.*, 2018) se tornam lastro importante para desenvolvimento de pesquisas afins, embora extrapolem o escopo do presente trabalho.

Esse artigo também permitiu trazer a discussão dos efeitos da exposição dos

mapas sobre as pessoas como assunto de interesse à Inteligência. Desse modo, conectou pontos de revisão bibliográfica muitas vezes esparsos em diferentes campos de conhecimento, tais como Geografia, Propaganda, Psicologia e Relações Internacionais. Consolidar essa teia de aproximações, em geral pouco disponível, e enriquecer a pouca literatura existente sobre o assunto na língua portuguesa é uma de suas propostas no avanço de compreensão sobre o uso de mapas como ferramentas de persuasão.

Referências

ABOMINÁVEL. Direção: Jill Culton. Produção de Dreamworks Animation e Pearl Studio. China/Estados Unidos: Universal Pictures, 2019.

ALLPORT, Gordon W. Attitudes. In MURCHISON, C (org.). *Handbook of Social Psychology*. Worcester: Clark University Press, 1935, p.798-844. Excerto. Disponível em: <https://xdoc-pl//allport-g-w-1935-attitudes-in-handbook-of-social-psychology-c-murchison-798844-pdf.free.html>. Acesso em: 3 set. 2021.

ALMEIDA, Rosângela Doin de.; PASSINI, Elza Yazuko. *O espaço geográfico: ensino e representação*. 4.ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

ASCH, Solomon E. *Psicologia Social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

BORIA, Edoardo. Geopolitical Maps: a sketch history of a neglected trend in cartography. *Geopolitics*, v. 13, p. 278-308, 2008.

CADERNO DE ATAS. *Quarta Reunião do Conselho de Segurança Nacional*, 4 jul. 1939.

CARVALHO, Edilson A. Cartografia, geopolítica e poder. *Sociedade e Território*, Natal, v.12, n.º 1, p. 20-33, 1999.

CINTRA, Jorge P. O Mapa das Cortes: perspectivas cartográficas. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 17, n.º 2, p. 63-77, 2009.

CORDEY, SEAN. Cyber Influence Operations: an overview and comparative analysis. *Cyberdefense Trend Analysis*, Center for Security Studies (CSS), ETH Zurich, 2019. Disponível em: research-collection.ethz.ch/bitstream/handle/20.500.11850/382358/Cyber-Reports-2019-10-Cyberinfluence.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 nov. 2021.

DOWNS, Roger M. Maps and metaphors. *The professional geographer*, Washington/ DC, v. 33, n.º 3, p. 287-293, 1981.

EBBIGHAUSEN, Rodion. How Asia's official maps promote propaganda. *Deutsche Welle Online*, 3 mar. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/en/how-asias-official-maps-promote-propaganda/a52620520>. Acesso em: 28 jul. 2021.

ELLIS, Geoffrey (org.). *Cognitive Biases in Visualizations*. Cham: Springer, 2018.

ELLIS-PETERSEN, Hanna. Twitter in India faces criminal changes for Kashmir "map treason". *The Guardian*, 29 jun. 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2021/jun.29/twitter-in-india-faces-criminal-changes-for-kashmir-map-treason>. Acesso em: 4 nov. 2021.

FOTIADIS, Piers. *The strange power of maps: how maps work politically and influence our understanding of the world*. Working Paper n. 06-09, School of Social, Politics, and International Studies, University of Bristol, 2009. Disponível em: <https://www.bristol.ac.uk/media-library/sites/spais/migrated/documents/fotiadis0609.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2021.

FRANCO, Juliana Rocha. *Cartografias criativas: da razão cartográfica às mídias móveis*. Curitiba: Appris, 2019.

HAKIM, Sobhi Abdel. A cartografia árabe: atlas, rotas e reinos. *O Correio da Unesco*, v.8, p.14-17, 1991.

HARLEY, Brian. Mapas, Saber e Poder. *Confins Online*, n.º 5, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/5724>. Acesso em: 19 ago. 2021.

KITCHIN, Rob; DODGE, Martin; PERKINS, Chris (ed). Introductory Essay: Power and Politics of Mapping. In: *The Map Reader: theories of mapping practice and cartographic representation*. Hoboken: John Willey & Sons, 2011, p. 439- 446.

LA PARRA, Daniel; PENALVA, Clemente; MATEO, Miguel A. The representation of the world in national Arab news agencies: an exploration of (trans) national networks in the official Arab media. *Convergencia*, Cuernavaca: Universidad Autonoma del Estado de Morelos, n.º 53, p. 125-150, maio-ago. 2010.

LEMANN, Nicholas. Atlas Shrugs. *The New Yorker*, p. 131-134, 9 April 2001.

LEUENBERGER, Christine; SCHNELL, Izhak. The politics of maps: constructing national territories in Israel. *Social Studies of Science*, Londres: Sage, v.40, n.º 6, p. 803-842, 2010.

LIMA, André da Rocha. *Análise Espacial: a contribuição dos mapas para o estudo das organizações criminosas por parte da Atividade de Inteligência*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Aperfeiçoamento em Inteligência) – Escola de Inteligência – ESINT/ABIN, Brasília, 2019.

MONMONIER, Mark. *How to lie with maps*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

NEMR, Christina; GANGWARE, William. *Weapons of Mass Distraction: Foreign State-Sponsored Disinformation in the Digital Age*. Park Advisors, 2019.

OLIVEIRA, Marcelo W. S. de. *Mapas cognitivos do mundo de oficiais-aviadores da Força Aérea Brasileira*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

OLIVEIRA, Marcelo W. S. de. Mapas do mundo e militares: palco e personagens no

teatro de operações. In PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A. (org.). *Interações Pessoa-Ambiente: nove estudos potiguaras*. Natal: Editora da UFRN, 2010. p.17-34.

PADILLA, Lace M; CRAEM-REGERH, Sarah H.; HEGARTY, Mary; STEFOMUCI, Jeanine. Decision making with visualizations: a cognitive framework across disciplines. *Cognitive Research: principles and implications*, v 3, n.º 9. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s.41235-018-0120-9>. Acesso em: 15 set. 2021.

PEREIRA, Jonathan J. S; IGLESIAS, Fabio. Influenciando atitudes e comportamentos com anúncios publicitários: articulando teoria e prática. *Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 43, n.º 2, p.73-89, maio/ago. 2020.

PINHEIRO, José Q. Determinants of cognitive maps of the world as expressed in sketch maps. *Journal of Environmental Psychology*, v. 18, p. 321-339, 1998.

RHODES, Andrew. Thinking in the space: the role of geography in national security decision-making. *Texas National Security Review*, v. 2, n.º 4, p. 91-108, 2019.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline, M.L.; JABLONSKI, Aroldo. *Psicologia Social*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SAARINEN, Thomas F. StudentsViews of the World. In DOWNS, ROGER M.; STEA, DAVID (org.). *Imageand Environment*. Chicago: Aldline, 1973, p. 148-161.

SMITH-DELANO, Catherine. Cartografia e Imaginação. *O Correio da Unesco*, v.8, p. 10-13, 1991.

SUDAKOV, Alexandre. A revelação dos mapas soviéticos. *O Correio da Unesco*, v. 8, p. 33-34, 1991.

VUKAJOVIC, Peter. Mapping the warzone: cartography, geopolitics and security discourse in the UK press. *Journalism Studies*, v.3, n.º 2, p. 187-202, 2002.